

A TRANSPIRAÇÃO DO QUOTIDIANO OU OS POROS DO REAL MEDIÁTICO

Philippe Joron

Departamento de Sociologia da Université Paul-Valéry – Montpellier III, philippe.joron@univ-montp3.fr

RESUMO

Tínhamos por hábito encarar a televisão como uma janela para o mundo ou para a vida, cujo enquadramento telegénico estava à altura das nossas expectativas perante as nossas próprias condições de existência. Foi-nos dito o que ver, seguindo determinada óptica, e o mundo visível foi-se resumindo em uma só focal cénica. Mas agora não há mais muros, nem brechas que mantenham as tais aberturas do mundo hiper-globalizado, cujo estado de sobre-informação torna tangíveis suas inúmeras rupturas. Jean Baudrillard compreendeu este novo dado comunicacional em termos de promiscuidade imanente e de conexão perpétua. As perspectivas que se nos oferecem hoje revelam um mundo sobredimensionado, doador de todas as nossas fantasias. Corrente de ar provocada pela decomposição dos quadros mediáticos convencionais que introduzem deste modo uma nova prática comunicacional, irremediável: a defenestração; o apelo ao vazio, ou mais precisamente a fascinação por aquilo que Georges Bataille compreendia em termos de intimidade perdida e de continuidade original: colar-se ao mundo num acoplamento vital, como a lama cola na lama.

PALAVRAS-CHAVE

Quotidiano, real mediático, televisão, telerealidade.

A realidade está para a fotografia estética do mundo como o real está para o instantâneo, desenrolando infinitamente os seus impactos neste mesmo mundo. Se a realidade nos ajuda a viver neste mundo, por meio das representações que dele temos, o real é, nada mais nada menos, tudo aquilo que subsiste, para além dos socorros da mente, dentro dos factos incorrigíveis que resistem a qualquer embelezamento. O mundo era belo porque nele o nosso futuro estava encantado por inúmeras promessas de todo o tipo. Até que a sua dimensão trágica ressurgia à superfície, depois de a termos enterrado num passado de sangue que nos fez acreditar que pertencia para sempre ao passado. O mundo muda e o real está sempre adiantado em relação à realidade.

Esta evidência, que foi encarada como fatalidade pela sabedoria popular, mesmo se os Proprietários da sociedade se negam a reconhecer-lhe qualquer tipo de bom senso, demonstra bem que a realidade, ou aquilo que passa por ser realidade, não pode ser imutável e que a percepção que temos dela permanece inevitavelmente tributária dos nossos desejos, dos nossos medos, em constantes flutuações. O mundo muda, descobrindo suas entranhas e nós participamos dessa mudança. Jean Baudrillard nunca deixou de nos abrir os olhos para a hiper-realidade tentacular que nos parecia demasiado conceptual para ser verdade, para essa época mais real do que o real, que se tornou translúcida pelo seu excesso de obscenidades dispendiosas. Mostrar, mostrar tudo. Ver, ver tudo. Devassidão de uma realidade em acto, lavrada pela tenacidade de um implacável real. Não foi este o último sonho de uma filosofia que não tinha mais nada a dizer, excepto procurar um significado

para o absurdo? A hiper-realidade, a exemplo da pós-modernidade, era mais uma invenção intelectual, auto-satisfatória, onde não se reconheceriam, senão através de ficções interpostas, àqueles que já tinham muito a fazer com a sua própria realidade? Cada um de nós reclamou seu lote quotidiano de certezas e verdades previsíveis, expostas como pano de fundo de uma “chantagem à segurança” (Baudrillard, 1976: 269-273) nutritiva. Outros tempos.

Tínhamos por hábito encarar a televisão como uma janela para o mundo ou para a vida, cujo enquadramento telegénico estava à altura das nossas expectativas perante as nossas próprias condições de existência. Foi-nos dito o que ver, seguindo determinada óptica, e o mundo visível foi-se resumindo em uma só focal cénica. Mas agora não há mais muros, nem brechas que mantenham as tais aberturas do mundo hiper-globalizado, cujo estado de sobre-informação torna tangíveis suas inúmeras rupturas. Jean Baudrillard compreendeu este novo dado comunicacional em termos de promiscuidade imanente e de conexão perpétua, de que quais a figura metafórica do esquizofrénico daria conta:

“O que o caracteriza é menos a perda do real, como se costuma dizer, do que esta aproximação absoluta e esta instantaneidade total das coisas, esta sobre-exposição à transparência do mundo. Desprovido de toda a cena e atravessado sem obstáculo, ele já não pode mais produzir os limites do seu próprio ser, ele não pode mais produzir-se como espelho. Ele torna-se tela pura, superfície pura de absorção e de reabsorção das redes de influência.” (Baudrillard, 1987: 24-25).

As perspectivas que se oferecem a nós hoje defloram um mundo sobredimensionado, provedor de todas as nossas fantasias. Corrente de ar provocada pela decomposição dos quadros mediáticos convencionais que introduzem deste modo uma nova prática comunicacional, irremediável: a defenestração; o apelo ao vazio, ou mais precisamente a fascinação por aquilo que Georges Bataille compreendia em termos de intimidade perdida e de continuidade original: colar-se ao mundo num acoplamento vital, como a lama cola na lama.

Embora se defendam disso, os profissionais dos media já estão ultrapassados. A internet, de facto, mudou a difusão, porque se apoiou na videofonia que recolhe os materiais de *Buzz*, mesmo correndo o risco de cair nas sombras do “*Happing Slapping*” ou na exibição do linchamento. Assim, como todos nós somos potencialmente filósofos, psicólogos e sociólogos, correndo o risco de converter o conhecimento em maus tratos, em tempos remotos nos balcões dos bares, nas mercearias ou nas igrejas, e hoje nos servidores internéticos, nós todos somos também jornalistas, e até mesmo confirmados através das nossas próprias redes de difusão da informação. Que capturemos a informação ou a difundamos, nós contribuimos para a fabricação da realidade do acontecimento que os guardiões do templo mediático tentam rotular, a posteriori, através de hipotéticos cruzamentos e verificações de fontes, temperadas com rumores insidiosos. Mas a perspectiva iminente da satisfação jornalística ou do coito mediático não se abarrotará de longos preliminares. É bem sabido, quando não há nada de novo a dizer, descarregamos as nossas fantasias através da repetição obsessiva da informação inicial, através do copiar-colar, em busca de originalidade e de relances. Ironia do destino: os mesmos que criticavam a política pelas devidas pretensões de controle da informação, perdem-se agora em conjecturas ligadas à legitimidade de suas próprias profissões parasitadas por cartões de imprensa descartáveis e evocam a necessidade de uma regulação deontológica da profissão. A mediatocracia tem as horas contadas,

enquanto que as suas escolas de jornalismo, mais do que nunca, se vêem cheias de pretendentes, e que a informação participativa, transvestida em *blogs* e ou em mensagens *twitter*, enche as urnas do direito à comunicação, ao intercâmbio e ao conhecimento.

É verdade que existem vários tipos de jornalismo e que todos têm o direito de existir. Os puristas alegam que a filosofia jornalística não deve, de modo algum, ser confundida com a da comunicação. Isso é, sem dúvida alguma, verdade e certamente desejável. Mas isso também é esquecer que o acto jornalístico se inscreve necessariamente no processo de comunicação genérica, no sentido em que as informações são comumente partilhadas a partir do momento em que elas são divulgadas. Trata-se, primeiramente, de um acto de ligação antropológica e canibal. Por outras palavras, a comunicação não depende só da confiança dos comunicantes. Em seguida, a escolha dos assuntos a ser tratados e a maneira de colocá-los em forma respondem em parte ao desejo de comunicar, isto é, respondem à vontade de veicular uma informação enquadrada, para não dizer formatada, ditada pela política editorial, por imperativos económicos de suporte e/ou pela sensibilidade do jornalista, ou até mesmo pelas suas possíveis ligações com os caciques da sociedade. O *Freelancer* deve construir o seu espaço, antes mesmo de ter renome; o correspondente deve ter cuidado para não perder o seu lugar em benefício dos seus concorrentes, enquanto que o jornalista patenteado ocupará o maior terreno possível, por meio de rede de relações e de polémicas bem constituídas. É a esse nível que se jogam a objectividade e a independência do tom do jornalista. Entre raridade e *low cost*.

É a actualidade que comanda, diz-se nesses meios tão bem informados, autorizados a emitir e a transmitir. De fonte segura (Campion-Vincent; Renard, 2002), são os nossos medos, os nossos desejos e as nossas fantasias, de que não estão isentos os especialistas da curetagem mediática, que acompanham esta actualidade, ao ponto de querer possuí-la e transformá-la em fonte de legitimação de circunstância. Deve-se prender o público, fazê-lo salivar, vomitar ou aumentar o seu nível de serotonina ao grau dos humores contraídos. A informação deve então ser divertida, mesmo que se tenha de fazer diversão frente ao essencial ao mesmo tempo que nos atacamos ao cerne (*cuir*) das nossas inclinações mais vergonhosas: A lavagem¹ telegénica. Enquanto a horda designa os seus pratos consistentes, o ordálio já se encontra no estádio das entradas (*hors-d'œuvre*).

Provocar a salivação, dar corpo aos afectos e questionar ao mesmo tempo uma parte de este outro nós que cada um cruza nas deambulações da sua própria existência: este é, sem dúvidas, o desafio da telerealidade que, longe de limar as nossas inclinações ao exotismo e ao desconhecido, ajusta a nossa atenção às potencialidades do “nós-mesmos”, receptáculos de um humanismo por defeito e de uma humanidade em excesso, ou mais precisamente de um humanismo posto em defeito e de uma humanidade posta em excesso. Jean Baudrillard lembra-nos uma definição contemporânea da ciência e da racionalidade industrial, o real é: “aquilo de que é possível dar uma reprodução equivalente” (Baudrillard, 1976: 114). Através da telerealidade reproduzimos em frente-verso a nossa própria humanidade, redescobrimo, assim, em tempo real, toda a complexidade das nossas divagações e certezas, por mais básicas que sejam.

1 O termo de lavagem é o que melhor se adequa ao termo francês *curée* que remete para as miudezas dadas aos cães depois da caça. Refere-se à lavagem que damos aos porcos. A palavra *curée* está associada à de *cuir*, o couro no qual se dava as miudezas aos cães. *Nota da tradutora.*

Será então que o modelo clássico da teoria da comunicação, aquele que concebeu a estrutura comunicacional em termos de mensagem codificada, transitando unilateralmente entre um transmissor e um receptor, “onde um tem a escolha do código e o outro a única liberdade de se submeter a esse código ou de abster-se” (Baudrillard, 1986: 221), será então que esta precisa formalização será confirmada sem revogação possível em sua única concepção de troca comunicacional guiada pelo *diktat* do código e a discriminação arbitrária desses dois termos? Em seu *Requiem pour les média*, Jean Baudrillard garante que este modelo já não é capaz de funcionar correctamente, se é que não entra em colapso por si mesmo, uma vez que se introduzam a ambivalência, a reciprocidade e o antagonismo na troca considerada:

“Ao supormos uma relação ambivalente, tudo desaba. Visto que não existe código da ambivalência. Sem código, sem codificador, nem descodificador, os figurantes desaparecem. Não há mais mensagem também, uma vez que esta se define como “emitida” e “recebida”. Toda essa formalização está presente só para evitar esta catástrofe. Esta é a “cientificidade”. E o quê ela funda de facto é o terrorismo do código” (Ibidem).

Esta ambivalência, que sabemos que edifica, pelo menos em parte, as nossas concepções do real e do imaginário, está no centro das telerealidades. Conjugam-se nelas, em acasalamentos às vezes ferozes, a quotidianidade e o acontecimento, a informação e o entretenimento, os risos e as lágrimas, a violência e a excelência do coração, a brutalidade e a edulcoração das imagens. Tudo se mantém, em um vitalismo prático que fascina e perturba ao mesmo tempo, entre a estimulação e o adormecimento.

Por meio das telerealidades, sob a forma de um concentrado de todos os outros aspectos da vida quotidiana, nós vivemos a “alucinação estética da realidade” (Baudrillard, 1976: 114), isto é a dimensão simuladora do seu hiper-realismo. De acordo com a sensibilidade fenomenológica de Edgar Morin, exposta em sua *Antropologia do conhecimento*, nós navegamos em uma zona de penumbra do real a partir de uma banda mediana de percepção: “além desta penumbra, nós adivinhámos, sob a forma do desdobramento, um Real que, embora seja bem reconhecido pelo pensamento, excede o pensável” (Morin, 1986: 216). Em termos de ética comunicacional, temos que reconhecer que a telerealidade, que aparenta a forma da telequotidianidade ou da televiolência, deixa antever este Real desdobrado que a tentação da defenestração mediática torna tangível.

A telerealidade está agora no centro da comunicação. Ela é o seu processo de copulação, pelo qual seres diferenciados se encontram ou procuram encontrar-se, num prazer manifesto que não poderá evitar alguns sofrimentos já fisgados. Seja qual for o significado cultural que damos à telerealidade, ela induz-nos na problemática da vida quotidiana no que ela possui de mais trivial, de mais proxémico também, transcendendo, ou mesmo denegrindo os eventos económicos, culturais e sociais que, no entanto, continuam a configurar as preocupações jornalísticas e criativas.

É neste sentido que elaboramos agora a hipótese de uma sacralização do quotidiano nos media, ao considerar este campo plural da narração jornalística ou ficcional, que se dá num jogo de espelho e, mais particularmente, a própria ambiguidade das notícias do dia a dia (*fait-divers*) sobre o crime, os acidentes, os escândalos de todo o tipo, mas também das reportagens sobre as condições de vida dos cidadãos, das celebridades (*people*) e dos políticos, o conteúdo pragmático-realista das novelas ou ainda as criações das encenações telereais, enquanto “leitmotiv” comunicacional e populatório que alimenta diversos processos de identificação social

e cultural. Tal como a analisámos já nas suas modalidades brasileiras (Joron, 2009: 139-153), a televiolência constitui com a telequotidianidade este amplo registo de telerealidade que escrutina de diversas maneiras as consequências da lei Batalliana: os indivíduos estão interligados por meio das rupturas ou dos traumatismos. Se isto é claro em relação à televiolência, cada um pode ainda perceber que a telequotidianidade não está arredada desta busca do sofrimento, onde o sacrifício mediático autoriza, no prazer partilhado, alguns pontos de contacto entre os indivíduos. Como bem o indica Denis Hollier acerca da compreensão batalliana do laço social por meio de objectos repulsivos: “se o ser só existe em comunicação, a comunicação, por sua vez, não é nada se ela não for o sacrifício do ser” (Hollier, 1974: 125). Na medida em que ele é sagrado sob vários formatos mediáticos, na medida em que o seu conjunto de traumatismos é exposto e à vista de todos, no modo do sacrifício, o quotidiano das pessoas participa plenamente desta comunicação forte e soberana tão controvertida. Ele é sacralizado, claro, mas sem estar livre de difamações por parte daqueles que pensam poder exonerar-se de uma vida sem qualidade, relegada para a grande maioria das pessoas. Como o indica claramente Michel Maffesoli a propósito da dimensão trágica do instante: “A vida em sua banalidade, em sua crueldade também, mistura de sombra e de luz, lembremo-lo, a vida é isso que faz medo àqueles que se encarregam (que se deram por missão) de a expressá-la” (Maffesoli, 2003: 64). Eles voltam no entanto para ela, do canto do olho ou nas pontas dos dedos, sobretudo quando se faz mais urgente nos media. Em definitivo, eles não têm outra escolha: escapar seria mortífero.

Aparecido em França, durante a década de 1990, enquanto clone culturalmente modificado de sua origem anglo-saxónica, o conceito de telerealidade (ou *reality show*) introduziu na paisagem audiovisual novos materiais de consumo com destino a um público alvo, em princípio mais jovem e de condição popular, suspeito de telefagia. Inicialmente programado para o canal M6 que viu sua quota de audiência aumentar significativamente, este fenómeno ganhou rapidamente espaço nos canais concorrentes graças às agências de produção que o acomodaram para todos os gostos. Conforme à acepção que lhe conferem os profissionais da comunicação, trata-se de um formato televisual que consiste em colocar um certo número de indivíduos previamente seleccionados em situações diversas, das mais extraordinárias às mais insignificantes, onde os telespectadores irão acompanhar dia após dia as suas peripécias em seus mínimos detalhes. Os protagonistas são a priori indivíduos anónimos, mas ocasionalmente, e em função do programa, podemos observar entre eles algumas estrelas em quebra de celebridade ou de dinheiro.

Nesta mesma configuração inicial da telerealidade, o confinamento é paradoxalmente privilegiado, como se fosse possível extirpar a realidade de si mesma para extrair a sua substantífica medula: o ordinário dos acontecimentos. Os telespectadores franceses guardam em memória, para o melhor ou para o pior, alguns exemplos desta espécie de telerealidade: *Loft story* (Big Brother); *Star academy* (Academia de Estrelas); *Koh Lanta* (No limite); *Greg Le millionnaire* (Greg, o milionário); *Secret story* (Estórias Secretas); *La ferme célébrités* (A Fazenda); *Pékin Express* (Expresso Pekin); *L'amour est dans Le pré* (O amor está no campo); *L'île de La tentation* (A ilha da tentação); *Un dîner presque parfait* (Um jantar quase perfeito), etc.

Em paralelo, um novo género ou, mais especificamente, uma nova variante da telerealidade se desenhou na paisagem audiovisual francesa, com uma produção menos sustentada e uma confidencialidade de meios, em consequência: um

formato audiovisual chamado de telequotidianidade, que não põe tanto o acento sobre os jogos de papéis e a apetência pelo vencer e pelo ganho, como sobre o acompanhamento, com câmara na mão, de uma situação quotidiana com a qual cada espectador pode legitimamente identificar-se. O nicho do autêntico, do “traço criador” (Baudrillard, 1985: 108), não menos desprovido de fantasias do que as ficções de todo o tipo, fez a sua entrada na televisão. Mais uma vez, os exemplos são inúmeros: *Vive ma vie* (Viver minha vida); *C'est quoi l'amour* (O que é o amor); *Maman cherche l'amour* (Mãe procura o amor); *Vies privées, vies publiques* (Vidas privadas, vidas públicas); *Tellement vrai* (Tão verdadeiro); *Confidences intimes* (Confidências íntimas); *J'irais dormir chez vous* (Irei dormir em sua casa); *Rendez-vous en terre inconue* (Encontros em terra desconhecida); *Bienvenu dans ma tribu* (Bem vindo à minha tribo); *Link*; *La vie en face* (Perante a vida); *Le grand frère* (O irmão mais velho); *Tous différents* (Todos diferentes); *Les uns les autres* (Uns e outros); *Je voudrais vous y voir* (Queria ver-vos nesta situação); *Recherche appartement ou Maison* (Procura-se apartamento ou casa); *L'amour est aveugle* (O amor é cego); *Réunion de famille* (Reunião de família), etc.

Uma terceira variante, já enraizada em outros céus mediáticos, denominados aqui de televiolências por questões de simplificação, mais criticada do que as duas precedentes por razões evidentes de identificação e de incitação às agressões, ganhou progressivamente o seu espaço, derramando a dimensão trágica da existência nos meios de comunicação televisuais franceses: *Faits divers* (Factos do dia a dia); *Le Mag* (A revista); *Enquêtes criminelles* (Investigações criminais); *90 minutes d'enquêtes* (90 minutos de investigações); *Enquête d'action* (Investigação de acção); *Faites entrer l'accusé* (Traga o acusado); *Présumé innocent* (Presumido inocente); *Coupable ou non coupable* (Culpado ou não culpado); *Suspect numéro 1* (Suspeito número 1); *Non Résolu* (Não resolvido); etc. A estes programas se agregam outros de transmissão Norte-Americana, cuja difusão é feita via TV por cabo, tais como: *Cops*; *Jail, destination prison*; *Springer Show*, exclusivamente centrados nas perseguições entre polícias e bandidos, na prisão, no julgamento, ou até na morte dos bandidos e na sua remissão moral, aqui ou no além. Estes três programas são indicativos do que se poderia chamar de telejornalismo policial. Neste caso, a satisfação e a dimensão sacrificial da existência são deliberadamente assumidas, explicitamente mencionadas em todos os momentos, embora seu revestimento ético e deontológico permita algumas nuances de estilo: “É assim que à culpabilidade, à angústia e à morte se pode substituir o gozo total dos sinais da culpabilidade, da violência e da morte” (Baudrillard, 1976: 114). Sob a alçada do espírito, a televisão desempenha o seu papel de brinquedo fálico (*godemichet*) expiatório, certamente abaixo das esperanças que, para nós, colocamos nela. “O ancestral da Internet” (Cf.: a emissão televisiva, *Les guignols de l'info*, Canal+), com bons restos bem encarnados, nos quais foram transplantados algumas redes neurais originadas da cultura cibernética, baseia-se na proximidade, na alteridade alterante, das identificações múltiplas, da des-conceptualização e das emoções, com a parte de ludismo e de comicidade à prova do trágico que comportam. Agonia, parasitagem ou então nova definição de um formato mediático que acrescenta um focal ao seu *télos*?

De uma maneira relativista que, sem dúvida, coloca problemas em termos de impermeabilidade moral e de identificação das funções jornalísticas, convém lembrar, mais uma vez, que o tratamento da informação está comprometido com o tráfico mediático dos afectos. Negar isso seria ilusório, até mesmo profundamente

desonesto e contra-productivo. Em complemento a este relativismo de ofício é mais do que necessário reafirmar a demarcação deontológica da profissão jornalística, mesmo que seja apenas para movê-la ou reabilitá-la em termos menos convencionais e mais atractivos, em consonância com o humor da era tecnológica que penetra os nossos pensamentos e práticas. Existe o claro e o obscuro e, sobretudo, esta zona de penumbra do real, evocada por Edgar Morin, da qual não nos podemos desfazer. O que é dito, escrito, mostrado em relação à realidade, seja ela banal ou plena de acontecimentos, não pode ser aceite de maneira ingénua, mesmo quando emana daqueles que se encarregaram com esta tarefa: existirão sempre insuficiências, inflações, hipotecas e ambivalências em matéria de informação que interferem inevitavelmente sobre a qualidade da recepção.

Reinvestindo numa sociologia crítica da informação, à procura de si mesma, Sarah Finger e Michel Moatti interrogam a relação que cada um de nós mantém com a informação e com aqueles que a produzem (ou a encenam), em função desta nova repartição da globalização e da instantaneidade que se opera na constituição do laço antropológico. Os autores fazem o inventário e analisam os diversas amálgamas de sentidos ou desencaminhamentos incessantes entre informação e comunicação, entre jornalistas e comunicantes, entre imprensa convencional e plataformas de descodificação, entre exposição e narração, repórteres e *storytellers*, que trabalham em permanência na elaboração das zonas de perturbação do conhecer e da alteridade. Entre outros esclarecimentos terminológicos, aquele que se refere à distinção entre informação e mediatização cativa a nossa atenção, uma vez que ele se ajusta ao próprio objecto de nossa análise da telerealidade, mesmo se os paradigmas e as perspectivas são diferentes:

“É sem dúvida tempo de dizer que a mediatização não é apenas um simples sinónimo de informação. Esta última trabalha a exposição enquanto a outra procura a sobre-exposição. A informação é um negócio de factos e de transmissão, sendo que a mediatização decorre definitivamente da interpretação e da intenção. Num, há fundamentos para colectar e para traduzir - os famosos 5 W² das escolas de jornalismo - e na outra, há uma história para construir - inventar? - antes de a contar” (Finger & Moatti, 2010: 159).

Se “a informação é um negócio de factos e de transmissão”, ela decorre, sobretudo, de uma escolha entre esses mesmos factos que convém em seguida partilhar, de acordo com um ângulo de tiro apropriado. Não será a perspectiva do desembalar, para efeitos de deglutição comunicacional, que determina, pelo menos em parte, a condição inevitável desta escolha? E o que mais se poderia dizer acerca deste telejornalismo policial à brasileira, amálgama mediático entre realidade, quotidianidade, violência, imaginário e inclinações, que restitui a informação ao vivo, numa ambivalência que faz corpo, sem o devido recuo analítico, senão que ele desarme as nossas certezas perante a contundência do real? A ambivalência de que falava Jean Baudrillard actua aqui em cheio, na defenestração mediática que embriega. Mais uma vez, de maneira paroxística, o tratamento da informação é acompanhado pelo tráfico mediático dos afectos que estão no centro de um envolvimento recíproco que desorienta.

Se, de facto, existem “sinceridades sucessivas” (Maffesoli, 1990: 57) em acção na vida social, podemos também encontrar nela verdades sucessivas, *a fortiori* quando estas se encontram em estado de comunicação. De acordo com uma

2 No Brasil, são 6 Q: o quê, quem, quando, onde, como, por quê. *Nota da tradutora.*

expressão judiciária das mais equívocas na sua simplicidade aparente, nós todos temos como objectivo “a manifestação da verdade”. Mais qual? Aquela que nos convém ou aquela que nos desorienta, entre humanismo por defeito ou humanidade por excesso? Ou talvez ainda aquela que nos restitui a nossa inteireza, constituída por fissuras e brechas de todo o tipo? A busca é inevitável, muitas vezes extenuante, e o imaginário não deixa de ter o seu papel, como se tratasse de nos aliviar um pouco daquilo que não conseguiríamos, de outra forma, assumir.

Tradução: Ludmille Wilmot

REFERÊNCIAS

- Baudrillard, J. (1976) *L'Échange Symbolique et la Mort*, Paris: Gallimard, Coll. « Bibliothèque des Sciences Humaines ».
- Baudrillard, J. (1985) *Le Système des Objets*, Paris: Gallimard, Coll. « Tel », [1968].
- Baudrillard, J. (1986) *Pour une Critique de l'Économie Politique Su signe*, Paris: Gallimard, Coll. « Tel » [1972].
- Baudrillard, J. (1987) *L'Autre par Lui-même. Habilitation*, Paris: Galilée, Coll. « Débats ».
- Campion-Vincent, V.; Renard, J.-B. (2002) *De Source Sûre. Nouvelles Rumeurs d'Aujourd'hui*, Paris: Payot.
- Finger, S; Moatti, M. (2010) *L'Effet-Médias. Pour une Sociologie Critique de l'Information*, Paris, L'Harmattan, Coll. « Des Hauts & Débats ».
- Hollier, D. (1974) *La Prise de la Concorde. Essais sur Georges Bataille*, Gallimard, 1974. *op. cit.*, p. 125.
- Joron, Ph. (2009) « Phénoménologie de la Téléviolence: Normes Hétérologiques du Télé-Journalisme Policier Brésilien » in Domingo, P. e Vignaux, H. (org.) (2009) *Arts et Société en Amérique Latine: la Transgression dans tous ses États*, Paris, Éd. L'Harmattan, Coll. « Recherches Amériques Latines ».
- Maffesoli, M. (1990) *Au Creux des Apparences*, Paris, Plon.
- Maffesoli, M. (2003) *L'Instant Éternel. Le Retour du Tragique dans les Sociétés Postmodernes*, Paris, La Table Ronde, Coll. « La petite vermillon » [Denoël, 2000].
- Morin, E. (1986) *La Méthode. Tome 3, La Connaissance de la Connaissance*, Paris: Seuil, Coll. « Points/Essais ».